

Inconfidência Mineira, fontes e personagens para novas abordagens

Inconfidência Mineira, sources and characters for new approaches

Charles Nascimento de Sá¹

cnsa@uneb.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6096-7369>

RODRIGUES, André Figueiredo. 2020. *Inconfidência Mineira: negócios, conspiração e traição em Minas Gerais*. São Paulo, Humanitas, 180 p.

A Inconfidência Mineira foi um movimento colonial contrário ao domínio português na região de Minas Gerais. Tendo começado com reuniões e discussões por parte da elite mineira na década de oitenta do século XVIII, que queria a emancipação política de Minas Gerais perante Portugal, ela foi delatada e sufocada no ano de 1789. Funcionários régios, padres, militares e, comerciantes foram alguns dos indivíduos que tomaram parte do movimento. Os envolvidos nessa sedição contra a Coroa portuguesa eram influentes figuras da região de Vila Rica e demais cidades de Minas Gerais.

Entre os anos de 2003 e 2019², de acordo com o site da Capes, foram realizadas 14.072 teses e dissertações na área de História no Brasil. Desses, 61 trabalhos – sendo 41 de mestrados e 19 de doutorados – tiveram por tema a Inconfidência Mineira. Mesmo sendo poucos trabalhos, quando comparados à totalidade das pesquisas, o tema “Inconfidência Mineira” ainda desperta interesse nos pesquisadores brasileiros. Além disso, tem sido comum a pesquisa de personagens ou temáticas vinculadas à Inconfidência como ponto mais vigoroso nas análises contemporâneas.

Nesse sentido, como um campo que teve tão ampla repercussão no Brasil, de modo particular após o golpe que instaurou a República em 1889 até o fim da Ditadura Militar em 1964, pode se tornar de novo um foco recorrente entre aqueles que pesquisam na área de Clio? Uma maneira para se conseguir isso seria recorrer à própria gênese do conhecimento científico, isto é, indagar, problematizar.

Ainda que seja um tópico muito assíduo nos estudos históricos, dado seu caráter singular e por ter sido elevado à categoria dos grandes panteões nacionais, esse é um assunto que ainda rende boa pesquisa, afinal “não importa tanto o tema da tese quanto a experiência de trabalho que ele comporta” (Eco, 2008, p. 5).

Com novas problematizações e experiências de trabalho sobre essa temática insere-se o livro *Inconfidência Mineira: negócios, conspiração e traição em Minas Gerais*, do historiador e professor André Figueiredo Rodrigues. O autor é graduado, mestre e doutor em História pela Universidade de São Paulo. Presi-

¹ Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias - DCHT, Campus XVIII, Av. David Jonas Fadini, 300 - Stela Reis, Eunápolis - BA, 45823-035.

² O período de pesquisa no site da Capes se deu por ser o ano de 2003 o marco inicial nesse sistema para a inclusão das versões digitais das teses e dissertações defendidas nas universidades brasileiras.

dente da Seção Nacional do Instituto Pan-Americano de Geografia e História (IPGH) e professor da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), câmpus de Assis, no Estado de São Paulo.

É considerado um dos mais renomados pesquisadores sobre a Inconfidência Mineira no Brasil, sendo autor de um livro importante para se compreender esse assunto – *A fortuna dos inconfidentes*, publicado pela Editora Globo em 2010. Desenvolve inúmeras pesquisas sobre o tema e sobre o período colonial brasileiro, com foco na região de Minas Gerais e São Paulo.

O presente trabalho traz um mote de vigor e certo frescor a um assunto que, como já apontado, carece de novas abordagens há anos. Como indica o autor, “muitas lacunas existem e foram perpetuadas na historiografia por não se buscar novas informações das fontes existentes” (p. 13). Para citar um exemplo, ele discute aspectos da fortuna dos inconfidentes não contemplados em outros estudos. Segundo ele, com o entendimento de que muitos documentos não tiveram sua transcrição correta, representando apenas parte dos bens dos conjurados, é possível que a “história da Inconfidência, pelo menos sob seu aspecto econômico, pode ser analisada sob uma nova ótica” (p. 14). Ao abordar e indicar esses equívocos no tocante à transcrição e análise de dados econômicos da Inconfidência, o livro denota o quanto é inovador.

A obra se compõe de uma coletânea de artigos publicados em diversas e conceituadas revistas acadêmicas do Brasil, além de textos escritos especialmente para a presente obra. Ele se divide em duas partes: “Os documentos da Inconfidência como fonte de pesquisa” e “Personagens”. Conta com prefácio do historiador inglês Kenneth Maxwell, que apresenta uma síntese do livro e apontamentos importantes para compreensão do passado colonial brasileiro. Sobre o impacto e importância deste manuscrito, Maxwell aponta que “uma visão geral desses avanços em pesquisa é, em essência, o propósito dessa nova e bem-vinda avaliação global do estado atual do ‘jogo’ feita por André Figueiredo Rodrigues” (Maxwell, 2020, p. 8).

A primeira parte centra-se em textos pensados para sanar as “lacunas” historiográficas existentes. Segundo o autor, permanecia uma interpretação padrão na área econômica, obtida a partir da leitura dos Autos de Devassa. É essa interpretação dominante que foi eclipsada por meio da pesquisa desenvolvida por André Figueiredo Rodrigues. Tal mote foi conseguido por ele buscar conhecer o passo seguinte ao que ocorreu com o sequestro de bens imposto aos sediciosos presos pelo crime de lesa-majestade, redundando, assim, em melhor e maior entendimento sobre toda a conjuração. O diagnóstico é preciso, e essa porção caminha justamente para a multiplicidade orgânica de novas abordagens e interpretações a respeito da Inconfidência Mineira.

Os quatro textos iniciais, por terem sido publicados anteriormente em revistas acadêmicas, já contêm em si uma minuciosa revisão conceitual e teórica sobre os tópicos aí estudados. Outrossim, alguns deles foram atualizados para a presente obra. O estudo é rigoroso e a discussão envolvendo fontes primárias e secundárias bem feita. É possível, a partir da leitura desses artigos, compreender valores, concepções, dilemas, vivências, situações políticas, cultura, sociedade, economia e toda gama de itens que compunham o bojo da sociedade colonial das Minas Gerais.

No capítulo *A relação dos plantéis como fonte de pesquisa para a história da escravidão e dos preços e “cores” dos escravos*, percebe-se o exposto anteriormente. Ao proporcionar um novo olhar sobre o tema, Rodrigues aborda os plantéis que os inconfidentes possuíam, discorrendo desse ponto sobre inúmeros aspectos que indicavam a diversidade da sociedade colonial mineira.

No que tange à escravidão, e ao escravismo colonial, o autor destaca que a “multiplicidade de designações mestiças utilizadas pelas sociedades escravistas, inclusive nos seus documentos oficiais, demonstrava sua complexidade”. Além disso, “ao mesmo tempo aponta que categorias como a de ‘cor/qualidade’ não eram estanques no tempo” (p. 67). Se tem uma coisa que os estudos sobre a América portuguesa sempre fazem questão de enfatizar é a necessidade de se entender a colônia não de modo obtuso, mas imbuída de toda sorte de contradições e ampla possibilidade de compreensão.

No texto *José Aires Gomes e Tiradentes nos sertões da Mantiqueira*, o destaque vai para o acúmulo de terras e bens pelo inconfidente que ficou conhecido como o líder do movimento. Perpetua-se entre a mentalidade popular a ideia de que ele era pobre, algo que o mito criado pela República fez questão de enaltecer. Nada mais equivocado, segundo Rodrigues. Para o professor, o inconfidente conseguiu “quantidade expressiva de terra ajuntada em uma mesma propriedade, demonstrando uma das características da estrutura agrária mineira: a concentração da propriedade da terra ao arripio da lei!” (p. 104).

Esmiuçando aspectos da sociedade, da cultura, leis e política da época, o livro segue apresentando, em textos diversos, uma leitura que possibilita ao leitor o entendimento não apenas do evento da Inconfidência Mineira, mas do conjunto social que a engendrou.

Nesse sentido, quando fala do *O ouvidor Alvarenga Peixoto*, André Rodrigues discute acerca das questões envolvendo empréstimos e outras formas de crédito nas Minas Gerais. Ele indica que mesmo tendo sido apontado como um dos integrantes do movimento sedicioso, ele conseguiu chegar ao ano de 1792, três anos após a prisão dos envolvidos no movimento, “sem pagar um tostão sequer a

qualquer um [dos seus] credores” (p. 120). Nesse sentido, houve possibilidade de negociação junto às autoridades coloniais para os envolvidos na sedição. Devedor que era, fruto de investimentos que não lhe deram o retorno esperado, este nunca “foi chamado para esclarecer por que não pagou os fornecedores dos víveres que pegou em nome da capitania de Minas Gerais. As autoridades nunca o enfrentaram” (p. 122). Tudo isso foi possível a Alvarenga Peixoto por ele ter “uma ampla rede montada no prestígio da posse das terras que tinha na comarca do Rio das Mortes” (p. 122). Desse modo,

no que tange ao Império português, este se desenvolveu por meio de redes de poder estabelecidas em todas as regiões e espaços de atuação dos lusitanos no período moderno. Essas redes atuaram como vetores a congregar, dentro de um único corpo social que era a monarquia pluricontinental, os diversos poderes dispersos pelo mundo colonial luso (Sá, 2020, p. 28).

Os três últimos textos do livro abordam aspectos da formação familiar e do gênero na colônia. De modo particular, o capítulo *As mulheres da Inconfidência* possibilita em sua leitura entender a sociedade colonial em sua diversidade; nesse sentido, esse artigo permite ao leitor da obra estar “num mundo paralelo [...] que [...] entra na realidade” (Piglia, 2006, p. 12). Nesse caso, o “mundo paralelo” aqui posto tem a ver com outra temporalidade histórica, distinta de nosso período contemporâneo e, por isso mesmo, tão cheia de inquietantes similitudes e diferenças.

Remetendo outra vez a Piglia, em seu livro *O último leitor*, ele aponta que “sempre existe algo de inquietante, ao mesmo tempo estranho e familiar, na imagem concentrada de alguém que lê” (Piglia, 2006, p. 25). Ainda que este autor se refira à literatura, o livro *Inconfidência Mineira: negócios, conspiração e traição em Minas Gerais*, do professor André Figueiredo Rodrigues, tem também esse poder. Sua

leitura inquieta e apresenta recônditos da Inconfidência Mineira, de seus personagens e cenários que descortinam importantes contribuições à renovação do saber e do entendimento histórico sobre a América portuguesa em uma de suas seções mais inquietantes.

Se esse texto foi iniciado apontando como o assunto Inconfidência é hoje pouco estudado em cursos de pós-graduação *stricto sensu*, pode-se evocar que trabalhos como o de André Rodrigues servem para lembrar que mesmo temas tradicionais e amplamente discutidos podem sempre ter perspectivas de estudos que caracterizem o ineditismo científico, isto é, dizer sobre um objeto já pesquisado “algo que ainda não foi dito” (Eco, 2008, p. 22).

Nesse sentido, o presente livro aborda e indica sobre diferentes pontos, e com diversificado uso de fontes primárias e secundárias, uma abordagem ampla e significativa sobre a Inconfidência Mineira, indicando que caminhos ainda são possíveis e devem ser trilhados para melhor aprofundamento desse movimento ainda hoje tão instigante no estudo do passado brasileiro. A todos e todas, boa leitura!

Referências

- ECO, Umberto. 2008. *Como se faz uma tese*. 21ª ed. São Paulo, Perspectiva, 174 p.
- PIGLIA, Ricardo. 2006. *O último leitor*. São Paulo, Companhia das Letras, 192 p.
- MAXWELL, Keneth. Prefácio. In: RODRIGUES, André Figueiredo. 2020. *Inconfidência Mineira: negócios, conspiração e traição em Minas Gerais*. São Paulo, Humanitas, 180 p.
- SÁ, Charles Nascimento de. 2020. *Ações e percalços na administração dos governadores pombalinos na capitania da Bahia – 1750 a 1777*. Assis/SP. Tese de Doutorado em História. Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, 326 p.

Submetido em: 20/04/2021

Aceito em: 12/10/2021